

VILÉM FLUSSER

O sr. Décio de Almeida Prado escreveu uma crítica da peça "Andorra" de Frisch que ultrapassa, de muito longe, os limites de uma crítica de teatro. O crítico lança, nesse seu trabalho, um desafio aos seus leitores, exigindo deles um exame de consciência honesto. Isto prova como a crítica da arte se confunde com filosofia, se fôr conduzida no nível do sr. Almeida Prado. Creio que o trabalho a que me refiro precisa ser discutido por duas razões distintas. A primeira razão é formal, porque o trabalho representa um modelo para a crítica de arte. A segunda razão é de conteúdo, porque o trabalho trata de um tema palpitante, e o faz de maneira perturbadora. O propósito do presente artigo é discutir o conteúdo. Trata-se do tema do judeu em seus dois aspectos, isto é do antisemitismo e daquilo que o sr. Almeida Prado chama de "semitismo". Antes do início da discussão, duas coisas precisam ser ditas. O tema é daqueles que, por sua alta carga emocional, dificultam o raciocínio despreendido. E o tema é daquele que, a despeito de discutidos "ad nauseam", sempre conservam o impacto de atualidade. O presente artigo fará portanto o esforço de acompanhar o nível intelectual e moral estabelecido pelo sr. Almeida Prado, para evitar a queda na emoção ou na conversa fiada.

A peça "Andorra" apresenta o problema de uma pessoa que, sem ser "judeu em si", é "judeu para os outros". A tese da peça é que o termo "judeu em si" carece de significado. "Ser judeu" é sinónimo de "ser judeu para os outros". A autenticidade desse tipo de ser reside na decisão existencial de aceitar essa sua condição estabelecida pelos outros. No aceitar da condição de ser judeu como projeto de vida. A tese da peça é enfraquecida pela contradição que se esconde em sua premissa. "Andri", o judeu da peça, não é "realmente" judeu. Mas o autor procura justamente provar, que esse termo "realmente" carece de significado no presente contexto. Ninguém é "realmente" judeu. O enfraquecimento da tese é um defeito da argumentação do autor, mas é um defeito eliminável. ~~o sr. Almeida Prado prova que~~ Eliminado o defeito, a argumentação da peça se torna inteiramente sartriana. E é contra ela que o ^{crítico} seu pensamento se volta. ~~Mas essa oposição do pensamento do sr. Almeida Prado contra Sartre me parece ambivalente.~~ Se compreendi a posição defendida, é esta: Sartre ilumina apenas um aspecto do problema do judeu, a saber o aspecto negativo. Mas existe o aspecto positivo. São os valores intrínsecos do judaísmo. O que ^{essa noção} ~~o sr. Almeida Prado~~ parece dizer é que o termo "judeu em si" é significativo. Ao mesmo tempo não nega que também o termo "judeu para os outros" tem significação. E não consegue, a meu ver, estabelecer a relação entre ambos termos. A posição de sr. Almeida Prado, embora éticamente digna e honrada é, conforme creio, ontologicamente insustentável. Supondo ser essa a posição defendida pelo ^{crítico} ~~sr. Almeida Prado~~, passo a analisá-la. Ser judeu é uma forma específica de ser homem. Em outras palavras: a existência é lançada para cá ~~em~~ de limitações genéricas que se chamam

VILÉM FLUSSER

"condição humana". A essas limitações genéricas acrescentam-se limitações específicas, por exemplo "condição de ser judeu". A condição humana abre à existência certas oportunidades de realização, e fecha outras. A condição judaica diminui o âmbito da liberdade da existência, porque fecha especificamente algumas das oportunidades genericamente humanas. Mas essa limitação da liberdade é produtiva. Força a existência, (se esse for autêntica), a explorar as oportunidades abertas. Nessa exploração surgem os valores especificamente judeus. Este seria um contexto, no qual o termo "judeu em si" teria significado. Creio que judeus nacionalistas, judeus ortodoxos e antisemitas concordariam com este contexto. Judeus liberais, (cuja posição é muito incômoda em mais de um aspecto), concordariam com reservas.

(b) Ser judeu não é uma forma específica de ser homem. A existência não pode recusar as limitações impostas pela condição humana, mas pode recusar as limitações impostas pela condição judaica. Isto prova que os termos "homem" e "judeu" pertencem a camadas ontológicas diferentes. A sociedade distribui diversos papéis, diversas máscaras, na representação ~~xxxxxxxxxxxxxx~~ daquele drama chamado "história da humanidade". Uma dessas máscaras se chama "judeu". O indivíduo não pode escolher essas máscaras com inteira liberdade. A sociedade é o diretor do drama e escolhe os seus atores. A sociedade é um diretor tirânico e impõe, com grande insistência, as máscaras, (as "pessoas"), sobre as existências individuais por ela escolhidas. Mas sempre existe uma margem, por pequena que seja, para uma recusa. O indivíduo pode, até certo ponto, afirmar a sua individualidade. Pode tentar recusar uma determinada máscara, e pode até recusar a participação na peça. A solicitação da sociedade é violenta. Um indivíduo apontado por ela como judeu dificilmente evitará a imposição dessa máscara sobre o seu rosto. Mas poderá tenta-lo. Com efeito, tem diante a solicitação duas escolhas igualmente honestas: pode aceitar o papel que a sociedade lhe impõe e procurar desempenhá-lo da melhor maneira possível. Ou pode procurar forçar a sociedade de dar-lhe papel diferente. A decisão desonesta seria a tentativa de compromisso. Este é um contexto no qual o termo "judeu em si" não teria significado. Judeus assimilantes e não-judeus liberais concordariam com este contexto. Judeus liberais concordariam com reservas.

crítico

As simpatias do ~~ter. Almeida Prado~~ estão com a posição (b), mas uma deferência ante os valores do judaísmo faz com que ache impossível recusar a posição (a) "in toto". Torna-se portanto necessária a consideração desses valores. De início é preciso dizer que o termo "judeu" sofreu uma deslocação de significado no curso da história do Ocidente. Na Antiguidade designava uma classe equivalente às designadas por termos como "grego" e "romano". Essas classes são aquilo que chamamos "culturas". Na Antiguidade o termo "judeu" designava uma cultura. Culturas são fontes de valores. Os valores que chamamos "judeus

VILÉM FLUSSER

referem-se a este significado do termo "judeu". O fim da Idade Antiga é marcado pela fusão de culturas. O imperio romano e o cristianismo reuniram as culturas clássicas numa síntese chamada "civilização do Ocidente". Nessa síntese os valores das culturas superadas (no sentido hegeliano) entraram em choque. Essa tensão interna que caracteriza a civilização ocidental é responsável por sua fragilidade e por sua plasticidade. Os valores judeus têm uma importância fundamental para a civilização ocidental, e, neste sentido, todos ocidentais são judeus. Na Idade Média o termo "judeu" designava aproximadamente uma classe equivalente às designadas por termos como "artesão" ou "servo". Essas classes eram as camadas nas quais a sociedade feudal se articulava. Digo que o termo "judeu" designava uma classe assim apenas aproximadamente, porque algo do significado clássico continuava a aderir ao significado medieval do termo. Na Idade moderna o termo "judeu" tornou-se polivalente. Ora designa algo como "povo", ora algo como "religião", ora algo como "raça", ora algo como "cultura". Essa polivalência do termo é responsável por muita confusão intelectual, e, o que é pior, por muita confusão moral naqueles que estão sendo apontados por esse termo polivalente. Mas, a meu ver, tudo isto não tem quase relação com os valores judeus. Estes estão seguramente guardados na civilização do Ocidente. Sobreviverão, embora transformados, mesmo se todos aqueles que se chamam "judeus" fossem absorvidos pela sociedade. A sociedade ocidental não necessita de judeus para a sobrevivência dos valores judeus. Precisa deles apenas, para descarregar periodicamente as suas angústias reprimidas sobre eles. Concordo portanto com Sartre: a persistência do judaísmo é consequência do antissemitismo.

Mas devo confessar que a dificuldade ontológica ~~com a qual o sr. Almeida Prado se debate~~ não pode ser superada com a facilidade que meu argumento sugere. A razão disto é a seguinte: O antissemitismo estabeleceu o judaísmo tal como o conhecemos atualmente. Mas esse judaísmo, por reação, produziu realizações que contribuíram poderosamente para a civilização do Ocidente. São contribuições tipicamente judias nessa concepção moderna do termo. Penso por exemplo em Marx, em Freud, em Kafka. O Ocidente não seria o que é sem esses pensamentos. E trata-se de um pensamento que é judeu no sentido de ser uma reação ao antissemitismo. Surge portanto o seguinte problema: é a continuação do judaísmo um bem ou um mal, se visto globalmente? Compensam as contribuições gloriosas os sofrimentos terríveis? É terrivelmente difícil responder essa pergunta. Pessoalmente creio que deve ser respondida negativamente, se mantermos em mente os acontecimentos recentes. Nada, creio, pode compensar o nazismo. Mas trata-se de uma pergunta que deve e pode ser resolvida, no fóro íntimo, por todo judeu e não-judeu individualmente. E esta possibilidade prova, para mim, que a posição ontológica ^{da qual trata} ~~assumida pelo sr. Almeida Prado~~ é insustentável, por mais louvável que seja éticamente.

VILÉM FLÜSSER

Os leitores deverão ter notado que procurei iluminar o problema daquele ponto de vista que o sr. Almeida Prado chama de "semitismo". Mas ao fazê-lo, procurei transcende-lo. Procurei analisar o problema sem preconceitos, isto é limitado apenas pela condição humana. É óbvio que a tarefa é impossível. É óbvio que tem razão o sr. Almeida Prado em afirmar que mitos, (em grande parte inconscientes), são responsáveis por muitos dos nossos pensamentos. Mas ao dizer isto, ao concordar aparentemente com ele, estou, com efeito, argumentando contra ele. Se compreendi bem o que ele diz, são para ele os mitos um elemento nefastamente perigoso do pensamento. São os responsáveis, como ele diz, pelo antisemitismo. Para mim, isto representa apenas parte da verdade. O antisemitismo é produto, sem dúvida, de mitos nefastos. Mas há os mitos fastos. Um deles é o mito judeu da irmandade dos homens. Creio que não podemos escapar aos mitos. O máximo que podemos fazer é tentar torná-los conscientes e submetê-los assim, em parte, ao governo da razão discursiva. Se faço esse esforço, espero poder dizer que o mito que inspirou meu argumento é esse mito da irmandade dos homens.

O trabalho do sr. Almeida Prado é sintoma da maturidade da crítica de arte brasileira. É um trabalho pequeno e aparentemente limitado. Mas abre, na realidade, horizontes vastos. Prova que a sociedade brasileira está se dirigindo, embora tateando, para uma meta que poderá ser a superação daqueles preconceitos que viciam a civilização do Ocidente. O preconceito "judeu", que procurei demonstrar não ser um conceito autêntico, não é o menos perigoso entre eles.

En juden Resumen

- I Otra judaica: En juden para juden e para un-juden
- II Testamento de una des saires lo ocidente
- III Enraizamiento tan profundo que odo de un ocidente: probabilidad de un segunmento en todas as abgenias.

Sothe - Institut S. Paris